

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALESSANDRA EMILLY NUNES DE ANDRADE

**A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: UMA PERCEPÇÃO DE
SEUS SUJEITOS**

**João Pessoa – PB
2026**

ALESSANDRA EMILLY NUNES DE ANDRADE

A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: UMA PERCEPÇÃO DE SEUS SUJEITOS

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca
Examinadora da Universidade
Federal da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção
do título de Licenciatura em
Pedagogia.**

**Orientadora: Prof. Dr^a. Suelídia
Maria Calaca**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A553e Andrade, Alessandra Emilly Nunes de.

A educação de pessoas jovens, adultas e idosas: uma percepção de seus sujeitos / Alessandra Emilly Nunes de Andrade. - João Pessoa, 2026.
27f.

Orientação: Suelídia Maria Calaca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Inclusão social. 3. Práticas pedagógicas. 4. Cidadania. I. Calaca, Suelídia Maria. II. Título.

UFPB/CE

CDU 374.7(043.2)

ALESSANDRA EMILLY NUNES DE ANDRADE

A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: UMA PERCEPÇÃO DE SEUS SUJEITOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca Examinadora da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia composta pelos seguintes membros:

Profa. Dr^a. Suelídia Maria Calaca
Universidade Federal da Paraíba
(presidente)

Prof. Dr^o. Severino Bezerra da Silva
Universidade Federal da Paraíba
(docente interno)

Profa. Dr^o. Eliakin Ramos Moura da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
(docente externo)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela capacidade a mim concedida de finalmente concluir o curso com a apresentação deste trabalho. Não foi fácil, mas Ele esteve comigo em todos os momentos e colocou pessoas para me ajudar em toda trajetória. Com isso já agradeço aos companheiros de curso e de disciplinas e professores(as), vocês foram essenciais na minha jornada acadêmica, cada assunto e tema abordado foi de extrema importância para minha vida pessoal e para atuar no atual sistema educacional.

À meus pais, que me prestaram todo suporte necessário durante todo o curso e me apoiaram sempre, me incentivaram e não me deixaram desistir. E ao meu namorado, que não mediu esforços em me ajudar no que eu precisasse, sempre com paciência e amor.

À todos, que diretamente ou não fizeram parte desse capítulo da minha vida, muito obrigada. Sintam-se abraçados.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e parte do seguinte problema: compreender como essa modalidade é percebida e vivenciada por alunos e professores, além de identificar os principais desafios presentes no cotidiano escolar. O objetivo é discutir esses desafios a partir da realidade dos próprios sujeitos da EJA, considerando suas experiências e trajetórias. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo etnopesquisa, realizada em uma escola municipal de João Pessoa–PB, com coleta de dados por meio de observações no campo de estágio, registros em diário e aplicação de questionários a dois professores e quatro alunos da modalidade. Os resultados mostram que a EJA é vista como uma oportunidade de recomeço, trazendo mais confiança, autonomia e novas perspectivas de vida para os estudantes, mas também revelam dificuldades como o cansaço após a jornada de trabalho, a evasão escolar, a defasagem na aprendizagem e a necessidade de práticas pedagógicas mais próximas da realidade dos alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA); inclusão social; práticas pedagógicas; cidadania.

ABSTRACT

This study addresses Youth and Adult Education (EJA) and is based on the following research problem: understanding how this educational modality is perceived and experienced by students and teachers, as well as identifying the main challenges present in the school routine. The objective is to discuss these challenges from the perspective of the subjects involved, considering their experiences and life trajectories. The research has a qualitative approach, characterized as an ethnographic study, carried out in a public school in João Pessoa–PB, Brazil. Data were collected through field observations, diary records, and semi-structured questionnaires applied to two teachers and four students of the EJA program. The results show that EJA is seen as an opportunity for a new beginning, promoting confidence, autonomy, and new life perspectives for students. However, it also reveals challenges such as fatigue after work, school dropout, learning gaps, and the need for pedagogical practices that are more connected to the students' realities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CONHECENDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	11
2.1 História da Educação de Jovens e Adultos.....	12
2.2 Um diálogo com autores/as sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	16
2.3 A Educação de Jovens e Adultos por seus sujeitos.....	17
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	19
3.1 Abordagem e tipo de pesquisa adotada.....	19
3.2 Instrumentos e técnicas de produção e coleta de dados.....	20
3.3 Caracterização do local da pesquisa.....	20
3.4 Contextualização da sala pesquisada.....	21
3.5 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	21
4. ANALISANDO E ENTENDENDO AS RESPOSTAS.....	22
4.1 A luz dos questionários: professoras.....	22
4.2 A luz dos questionários: alunos.....	23
4.3 Compreensão analítica da pesquisa.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
APÊNDICE.....	29

1. INTRODUÇÃO

A motivação pela temática se dá inicialmente, pela importância de trabalhar, estudar, pesquisar e conhecer a Educação de Jovens e Adultos (EJA), visando dar mais visibilidade à modalidade em questão, pois, assim como os estudos voltados a educação especial estão notoriamente crescendo nos dias atuais, a Educação de Jovens e Adultos tem de igual modo, sua importância e validação no processo educacional da população.

A EJA é um campo de conhecimento voltado a oferta da educação básica (ensino fundamental e médio) a pessoas que não concluíram os estudos na idade prevista em lei. Fundamentada em princípios que possibilitam a aprendizagem ao longo da vida, a EJA tem a finalidade de formar cidadãos críticos e autônomos. Sendo ainda, a conclusão da educação básica, muitas vezes, um requisito essencial para o acesso aos serviços oferecidos pelas empresas no mercado de trabalho atual. Além disso, os indivíduos representam uma parcela significativa da população geradora de trabalho ativo mas, que também consome.

A partir de um diálogo com autores/as relevantes a temática, a exemplo de Paulo Freire (1982), Osmar Fávero (2006), Miguel Arroyo (2017), Di Pierro (2010) e nos questionários aplicados com 2 professores e 4 alunos, sendo 2 do ciclo I e 2 alunos do ciclo II, serão abordadas questões pertinentes à educação de jovens e adultos, tanto em sua concepção teórica quanto em sua prática. Serão analisadas as falas dos professores e alunos, com o objetivo de conhecer as especificidades dessa modalidade.

Uma segunda motivação se encaixa no meio social. A Constituição Federal Brasileira (artigo 208, inciso I) garante a gratuidade do ensino regular aos estudantes que não concluíram os estudos em idade adequada. Assim como o artigo 37 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) Lei nº 9.394/96 a EJA é definida como instrumento com a finalidade de ofertar o ensino a um público que não teve a oportunidade do acesso à educação no tempo definido em lei, por diversos fatores seja financeiro e/ou social, entre outros, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do aluno.

A Educação de Jovens e Adultos pode contribuir com a liberdade e autonomia do cidadão ativo na sociedade, para isso, de acordo com o Conselho Nacional de Educação (2000), a oportunidade do acesso, além de ser garantida por lei, deve ser mantida, assegurando a inclusão social dos indivíduos e a promoção da função equalizadora da modalidade que é a igualdade de oportunidades de acesso à educação.

Como estudantes de Pedagogia, aprendendo sobre a educação e defendendo seus valores, temos a necessidade de estudar e se aprofundar em qualquer que seja o

segmento, e nos tornar a cada dia profissionais empenhados e comprometidos com a educação igualitária (que prega que independente de suas características individuais, todos deveriam ter o mesmo tipo de acesso aos recursos e oportunidades de aprendizado) e a educação libertadora. Segundo Paulo Freire (1967), a educação libertadora convida o(a) aluno(a) a participar ativamente do processo de ensino desenvolvendo a consciência crítica por meio do diálogo e, junto ao professor, encontrar a solução de problemas sociais da realidade de cada um, num processo de transição da inércia para a participação ativa.

A motivação final surgiu a partir da experiência da disciplina do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, *Campus I*, Estágio V em Educação de Jovens e Adultos, que despertou o interesse em escrever o trabalho de conclusão de curso voltado à área em questão, por aproximação com a temática e com a EJA ao longo do curso. A disciplina de Estágio Supervisionado na UFPB traz uma ementa que diz que o estágio é observação e prática enquanto aprendizagem de sistematização, avaliando a participação do discente no processo de desenvolvimento da disciplina.

O estágio se realizou na escola municipal Luis Vaz de Camões no período de 20/02/2025 a 05/05/2025. A escola localiza-se na rua Josefa Taveira, s.n. – mangabeira, João Pessoa – PB, 58056-000. Foi um período de conhecimento adquirido, onde se pode observar e também colocar em prática a teoria do que estudamos em sala, na universidade. Essa articulação entre teoria e prática alinha-se para o melhor desenvolvimento da prática pedagógica, facilitando a tomada de decisões mais assertivas e buscando abranger as necessidades dos alunos. Pimenta (2006, p.16) nos diz que o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais. Isso possibilita uma maior autoconfiança e pode facilitar a tomada de decisões mais assertivas em sala de aula, buscando suprir as deficiências cognitivas aparentes, principalmente compreendendo a educação como realidade e direito social. Desse modo, desenvolve-se uma postura adequada, unindo a especificidade escolar à realidade e experiência pessoal do aluno jovem e adulto.

A partir das questões levantadas, busca-se responder a seguinte questão-problema: De que forma a Educação de Jovens e Adultos é percebida e vivenciada por seus próprios atores – alunos e professores – e quais são os principais desafios encontrados no cotidiano escolar? Podemos pensar que os desafios são o horário, ou como chegar na escola mas, de acordo com as respostas dos participantes da pesquisa, a verdade é que essas questões são mais complexas que isso, estando

relacionados a classe social e econômica, a realidade familiar que o(a) estudante se encontra, entre outras questões sociais. A chegada e a permanência de cada estudante em uma sala de EJA envolve muitas escolhas, o que reforça a autonomia e o senso de responsabilidade do aluno.

Diante das questões colocadas, este trabalho tem como objetivo geral discutir os desafios da Educação de Jovens e Adultos a partir da visão dos(as) alunos(as) e dos(as) professores(as) da escola locus da pesquisa. Para atingir o objetivo geral, tem-se como objetivos específicos conceituar a Educação de Jovens e Adultos, conhecer uma parte da linha do tempo da história da EJA, relatar a experiência de estágio supervisionado em EJA e refletir sobre os desafios apresentados em questionários.

Espera-se que este trabalho represente uma contribuição reflexiva na área de Educação de Jovens e Adultos e que possa fortalecer a ideia da necessidade da melhoria dos currículos para esta modalidade.

Nesse sentido, o estudo encontra-se organizado em seções que acompanham o desenvolvimento da pesquisa: inicialmente apresenta-se a fundamentação teórica, abordando os aspectos históricos, conceituais e sociais da Educação de Jovens e Adultos; em seguida, descreve-se a metodologia adotada, contemplando o tipo de pesquisa, o local investigado, os sujeitos participantes e os instrumentos de coleta de dados utilizados; posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir das análises realizadas; por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências que fundamentaram a construção deste estudo.

2. CONHECENDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Segundo o Censo Brasileiro ao longo de 2023 e 2024 (último dado encontrado), cerca de 9 milhões de pessoas com idade entre 18 e 29 anos não concluíram a educação básica na idade certa. Se pararmos para pensar, muitas pessoas não tiveram a chance de estudar na chamada “idade certa”, fazendo a evasão escolar ser um problema que acompanha o sistema educacional brasileiro por diversos fatores como, precisar trabalhar, morar longe, não ter condições físicas e alimentícias ou até por acharem que a educação “nem era tão importante assim”, entre outros, por isso, a oportunidade de se matricular na EJA, para muitas pessoas é como se fosse uma segunda chance que a vida oferece. Uma segunda chance de se sentir acolhido, valorizado e inserido nesse mundo letrado imenso.

Nesse sentido, torna-se necessário compreender de forma mais ampla o processo histórico que possibilitou a construção dessa modalidade de ensino, destacando os principais acontecimentos e políticas abrangentes para a consolidação da EJA no Brasil.

2.1 História da Educação de Jovens e Adultos

Historicamente, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil percorre um caminho que vai desde a catequização no período colonial até sua consolidação como direito constitucional, trajetória que evidencia como as iniciativas voltadas à alfabetização de jovens e adultos estiveram, em diferentes momentos, associadas às demandas econômicas, políticas e sociais do país. Inicialmente, segundo Demerval Saviani (2007) com o catecismo, a instrução era mínima e servia para evangelização dos escravos e indígenas, comandados pelos jesuítas.

Na Primeira República, surgem os primeiros indícios de alfabetização para o trabalho, para atender as demandas das empresas, visando escrita básica e sem intenção de formação crítica. Na era Vargas começou a haver um aumento na regulamentação da educação, incluindo a criação do Ministério da Educação, mais precisamente em 14 de novembro de 1930. O analfabetismo era visto como uma “doença”, e a alfabetização era como um remédio/solução, porém, ainda era vista como uma forma de controle social e voltada para as necessidades do mercado de trabalho (HADDAD; DI PIERRO, 2000; ARROYO, 2017).

De acordo com o Censo Brasileiro de 1940, a taxa de analfabetismo da população era cerca de 56%. A necessidade de ampliar políticas que concedessem o acesso à alfabetização não se deu por prioridade, mas, por interesse do governo, como forma de controle do Estado. Paiva (1973) destaca os interesses do populismo e do nacional-desenvolvimentismo nos investimentos para a educação de adultos, o qual, entram em concordância ao enxergar a EJA através de uma lente econômica, na busca de capitalizar a gratidão do povo em “receber a educação” como favor e não como direito fundamental. O fator principal de interesse foi para o desenvolvimento da industrialização, que demandava especialização para o trabalho, ou seja, nível educacional elevado era igual a maior produtividade. Nesse mesmo tempo, em concordância com Freire valorizando uma leitura crítica da realidade, Vanilda Paiva também defendia uma educação que leva à conscientização política e à transformação social, e emancipação dos sujeitos, enquanto as visões populista e desenvolvimentista tendem a priorizar a educação como instrumento para manter a ordem social ou impulsionar a economia.

É importante destacar que a educação ainda era excludente, privilegiando homens brancos de classes mais abastadas, diminuindo as chances da população de baixa renda.

Com a industrialização em ascensão, a formação profissional das pessoas passou a ser intenção do Estado para maior produtividade. A intencionalidade de um Brasil alfabetizado gerou disponibilidade de verba e criação de movimentos. Houve a criação do SENAI em 1941 e do SENAC em 1946 e a partir disso começaram a surgir as primeiras políticas públicas destinadas à instrução de jovens e adultos no ministério da educação. Em 1947, surge a Campanha de Educação de Adolescente e Adultos (CEAA), pela OMS, comandada por Clemente Mariani e dirigida por Lourenço Filho, como uma tentativa do governo de diminuir o número de pessoas que não sabiam ler e escrever. Eles tinham o objetivo de alfabetizar adolescentes e adultos que não tiveram acesso à escola anteriormente; ampliar o direito ao voto, já que a Constituição de 1946 exigia a alfabetização para o exercício do sufrágio; e formar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, especialmente em um país que começava a se industrializar. Eles se utilizavam de cursos noturnos, uso de cartilhas simplificadas (métodos fonéticos/associativos), mobilização de professores voluntários, uso da radiodifusão e do cinema educativo. O problema é que mesmo com a intenção de alfabetizar, o jeito como a campanha foi feita era muito engessada. Era tudo igual para todos. Lourenço Filho, que liderava a campanha, falava de alfabetizar como se fosse uma “missão de combate”, com “táticas” e “estratégias” (COSTA; ARAÚJO, 2002). Funcionava como uma guerra contra o analfabetismo.

Em 1952 entra em vigor a Campanha de Educação Rural, que foi extinta em 1963, e tinha o intuito de melhorar a educação e as instalações das escolas rurais. Em 1958 surge a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, criado pelo MEC. Houve algumas tentativas de resolver um problema aparente do analfabetismo com grandes campanhas, às quais realmente alcançaram milhares de alunos em diversas regiões do Brasil e que também foi precursora de campanhas posteriores. Durante a década de 1960, destacam-se importantes experiências de educação popular voltadas à alfabetização de jovens e adultos, especialmente as propostas desenvolvidas por Paulo Freire, que defendiam uma educação baseada no diálogo, na valorização das experiências de vida dos educandos e na formação da consciência crítica, e via a alfabetização como instrumento de transformação social e participação política. (FREIRE, 1987). Entre essas propostas estão o Método de Alfabetização de Adultos, no qual Paulo Freire se utilizava das palavras concernentes à realidade do trabalho das pessoas, fazendo assim com que elas aprendessem a ler, mas também a refletir sobre sua própria

realidade social; outra proposta foi os Círculos de Leitura, substituindo o modelo tradicional de sala de aula, dando espaço ao diálogo e participação de todos na construção do conhecimento.

Após esse período, iniciativas vieram à tona como o MEB – Movimento de Educação de Base (anos 1960), criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil promovendo a educação popular visando a ação social e evangelizadora junto às massas. Ao mesmo tempo, na Paraíba, se criou a Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), que seguia a mesma ideia de princípios educacionais de Paulo Freire ligados à educação crítica, voltada à conscientização social e política dos participantes (HADDAD; DI PIERRO, 2000; PAIVA, 2003). A CEPLAR foi interrompida após o golpe militar de 1964 (PAIVA, 2003).

Também aconteceu a Cruzada Básica Cristã, em 1965, em Recife (PE) que tinha o apoio dos Estados Unidos e visava combater o analfabetismo, substituindo métodos progressistas anteriores e servindo como precursor ao MOBRAL, com forte cunho assistencialista e protestante. Em 1971 é criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) pela Ditadura Militar brasileira, na tentativa de erradicar o analfabetismo, o qual foi criticado pela abordagem tecnicista e pouco eficaz. O Movimento foi substituído em 1985 pela Fundação Educar (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos), que tinha o objetivo de desenvolver políticas voltadas à alfabetização e à escolarização de jovens e adultos no país. Diferentemente de programas anteriores, que apresentavam uma abordagem mais técnica e, muitas vezes, ideologicamente orientada, a Fundação Educar buscou adotar uma perspectiva mais democrática no campo da educação, a reconhecendo como um direito além de uma necessidade econômica (HADDAD; DI PIERRO, 2000). A Fundação, assim como as abordagens de Paulo Freire serviram de exemplo para outros programas de educação popular que buscaram articular alfabetização e participação social, propondo uma abordagem que ultrapassa a simples aprendizagem da leitura e da escrita, compreendendo a educação como instrumento de transformação social.

E para finalizar, em 1997, vinculado ao governo de Fernando Henrique Cardoso, surgiu o Programa de Educação Solidária que atendeu mais de 760 mil alunos em sete anos, buscando promover a alfabetização com valorização da cultura local.

A maioria desses programas e campanhas não se sustentaram por falta de estrutura e financiamento, o que levou o analfabetismo a continuar sendo um problema estrutural.

A partir da Constituição Federal de 1988 a Educação de Jovens e Adultos passa a

ser um direito fundamental, resguardado em lei, sendo oferecido ensino gratuito a quem não teve acesso aos estudos na idade regular. Em 1996, a EJA é reconhecida como modalidade, nos anos 2000 recebe suas próprias diretrizes, currículo e carga horária equivalente ao ensino regular. Em 2003 é criado o Programa Brasil Alfabetizado, coordenado pelo MEC, e tem colaboração de Municípios e Estados trabalhando na funcionalidade de erradicação do analfabetismo. Em 2005 o ProJovem, que foi criado para jovens e adultos alfabetizados, mas que não concluíram os estudos e desejam obter uma formação básica.

Ainda que a legislação assegure a EJA, observa-se que, ao longo de sua trajetória histórica, muitas das ações voltadas a essa modalidade, foram marcadas por campanhas pontuais, descontinuidades nas políticas públicas e pela ausência de um olhar mais atento às necessidades reais dos estudantes, realidade que, em muitos aspectos, ainda se mantém nos dias atuais. Torna-se necessário haver uma proximidade com a realidade do estudante e garantir o material necessário básico para o pleno desenvolvimento. Durante as campanhas faltava escutar o aluno, entender de onde ele vinha, sua história e sua luta, validar suas experiências e saberes, faltava motivação e intencionalidade do pensamento crítico. O que nos leva a pensar... será que quando essas pessoas, repletas de vivências, eram tratadas como pessoas que não sabiam de nada, não se sentiam desmotivadas e resultaram no afastamento do aluno da sala de aula? Será que não acontece isso ainda hoje em dia? Possivelmente, pois em alguns lugares ainda pode faltar formação adequada de profissionais, recursos e em alguns casos, até interesse do professor em trazer o melhor para a sala e do aluno em participar, realidade que contribui para a permanência de dificuldades estruturais ainda presentes na modalidade.

2.2 Um diálogo com autores/as sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Após diversas campanhas educacionais criadas e descontinuadas, e longos anos da tentativa da resolução de um problema, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/1996) institui a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como modalidade da educação básica. Com o objetivo de garantir o direito à educação às pessoas que não tiveram o acesso ou continuidade de estudos na idade certa dita por lei. Cumprindo uma função social importantíssima de inclusão educacional e social dos sujeitos.

Diversos pensadores falam de aspectos direcionados a EJA que vão além de uma simples recuperação de conteúdos escolares. Os quais se destacam, Paulo Freire (1967) que buscava alfabetizar jovens e adultos de forma rápida e significativa, com uma ideia de

educação libertadora, respeitando a experiência do educando. Paulo Freire valorizava o contexto social do estudante, partindo da realidade concreta de vida deles para estudar, associando a leitura e a escrita com a compreensão crítica do mundo. De acordo com Brandão (1981), o método de alfabetização desenvolvido por Paulo Freire não deve ser compreendido apenas como uma técnica de ensino da leitura e da escrita, mas como uma proposta pedagógica que busca promover a conscientização e a participação dos sujeitos no processo educativo. Para Freire (1987) "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo", reforçando a importância do diálogo na construção do conhecimento. Essa concepção reforça a ideia de que o conhecimento é construído coletivamente, a partir da troca de saberes e da problematização da realidade vivida pelos estudantes da EJA.

Nessa mesma perspectiva, Miguel Arroyo (2000) destaca a importância de reconhecer as trajetórias de vida dos sujeitos da EJA, compreendendo que não são crianças que estão começando do zero, mas são trabalhadores, pais, mães e cidadãos, que sustentam a família, que tiveram pouco acesso a escola e que são marcados e enfrentam desigualdades sociais históricas. Para ele, não se trata apenas de transmitir conteúdos escolares, mas de ouvir o aluno, dialogar e valorizar os saberes construídos ao longo da vida e relacionar o conteúdo escolar com a realidade deles, promovendo uma educação humanizada e comprometida com a justiça social.

Osmar Fávero (2006) e Moacir Gadotti (2011) trazem reflexões sobre políticas públicas e práticas pedagógicas específicas para a EJA, como ensino flexível e contextualizado com a realidade dos alunos. Para esses autores, é necessário haver a especificidade escolar, porém alinhada a uma temática social geradora de pensamento crítico, social e real da vida do sujeito, dialogando com os interesses dos estudantes adultos.

Ainda sobre Osmar Fávero (2006), é importante destacar o trabalho realizado na Paraíba, a CEPLAR. A CEPLAR foi um movimento de educação popular criado no início da década de 1960 na Paraíba, com o objetivo de promover a alfabetização de jovens e adultos das camadas populares, promovendo a formação crítica dos sujeitos e incentivando sua participação na vida social e política, tudo isso articulado à educação, experiência essa que dialogava com as ideias de Paulo Freire. Inspirado no pensamento Freireano, Fávero também se utilizou de fichas de cultura a fim de possibilitar que os estudantes analisassem sua própria realidade e participassem ativamente da construção do conhecimento.

Entretanto, Haddad e Di Pierro (2000) falam que a EJA ainda é vista como algo

“secundário”, como um “remendo” do sistema educacional. Paulo Freire (1996) já criticava isso dizendo que a educação precisa respeitar a realidade do aluno. Frigotto (2010) também alerta que a escola precisa se articular com o mundo do trabalho e com os problemas sociais, pois é essa a realidade dos estudantes da EJA. Ou seja, não adianta só colocar o aluno adulto na sala e dar o mesmo conteúdo de sempre, é preciso fazer o diagnóstico da turma e se adaptar a cada perfil.

Dessa forma, a partir das contribuições desses autores, compreende-se a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade educacional que reconhece os sujeitos em sua totalidade histórica, social e cultural. A EJA não se limita à escolarização tardia, mas constitui-se como um espaço de formação crítica, emancipadora e contextualizada, que valoriza os saberes prévios dos educandos, dialoga com sua realidade de vida e trabalho e busca promover a inclusão social e o exercício pleno da cidadania.

2.3 A Educação de Jovens e Adultos por seus sujeitos

Sem pensar numa reflexão teórico crítica, apenas no que já foi idealizado sobre a Educação de Jovens e Adultos, temos a ideia que é direcionado para um público alvo “marginalizado”, porém, é importante destacar que o acesso de jovens e adultos à educação é um processo de retomada de direitos, sendo, portanto, a educação direito de todos e dever do Estado, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), o que não deixa de ser um período de preparação para o atual mercado de trabalho, mas também é resistência. Ao analisarmos a partir dos referenciais teóricos, percebe-se que não é possível desconsiderar o contexto histórico marcado por desigualdades sociais, exclusão educacional e pela invisibilização das trajetórias escolares desses sujeitos, que ao longo do tempo tiveram seu direito à educação frequentemente negligenciado. Na dimensão econômica, a educação de adultos esteve historicamente ligada às demandas do mercado de trabalho, enquanto no aspecto social evidenciam-se questões como desigualdade social entre as classes e diversidade cultural.

Segundo o Censo Escolar (INEP, 2023), mais de 2 milhões de brasileiros estão matriculados na EJA. Estudos apontam que o número de permanência nas aulas ainda apresenta desafios, mesmo porque parte desses estudantes trabalham durante o dia, chegam cansados à escola, enfrentam dificuldades de transporte ou acumulam responsabilidades familiares, entre outras questões. Muitos são os desafios enfrentados por professores e alunos, por isso é necessário que o poder executivo em ação

desenvolva políticas públicas adequadas e eficazes que supram as deficiências encontradas. A Educação de Jovens e Adultos possui relevância social e econômica significativa, visto que envolve uma parcela da população diretamente relacionada às dinâmicas sociais e produtivas da sociedade. A educação é um direito fundamental e, nesse sentido, estudantes que frequentam a EJA, mesmo após longas jornadas de trabalho, necessitam ser atendidos por práticas pedagógicas que valorizem sua trajetória, sua história e seus esforços.

Em João Pessoa, PB, segundo uma pesquisa publicada pelo portal G1 em Setembro de 2025 revela que o número de matrículas caiu em cerca de 37% nos últimos 10 anos. Apesar da queda, a EJA na Paraíba ainda alfabetiza cerca de 12 mil pessoas por ano, se destacando com a oferta de turmas de correção de fluxo, ajudando a diminuir a distorção idade-série.

De todo modo, torna-se essencial promover um ambiente educacional acolhedor e comprometido com a aprendizagem, contribuindo para que a educação cumpra seu papel social de formação e transformação. É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, que busca dar voz aos protagonistas da EJA — alunos(as) e professores(as) — e entender como eles vivenciam e percebem essa modalidade de ensino.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Inicialmente destaca-se a importância da pesquisa para o meio acadêmico, contribuindo com a implementação de novos trabalhos e desenvolvimentos sobre temas relevantes e que nutrem o intelecto de quem lê; e também para o meio social, ao fornecer informações sobre questões pertinentes à sociedade. Sendo o intuito da pesquisa de modo geral apresentar uma questão problema, analisá-la teoricamente e propor uma forma de resolução à problemática.

3.1 Abordagem e tipo de pesquisa adotada

O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, do tipo etnopesquisa (MACEDO, 2004). O método escolhido visa compreender a realidade vivida no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), através da escuta ativa dos sujeitos envolvidos e da observação direta no ambiente escolar. A etnopesquisa se caracteriza em entender e problematizar os aspectos esperados (questão problema)

através do ponto de vista dos sujeitos e na interpretação deles baseados nas vivências pessoais de cada um, fazendo a relação teórica com os pensadores da área em questão mas, também refletindo a posição da pesquisadora, dando voz ativa aos participantes da pesquisa.

A pesquisa foi realizada na escola municipal Luiz Vaz de Camões, localizada no bairro de Mangabeira, na cidade de João Pessoa-PB, que oferta a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Inicialmente, foi feita a observação e registros em diário de campo durante as visitas ao ambiente escolar, abordando aspectos físicos, organizacionais e pedagógicos. Buscando captar tanto a estrutura quanto às interações e práticas pedagógicas exercidas. Simultaneamente, foram aplicados questionários a professores e estudantes para compreender suas percepções, desafios e expectativas em relação à EJA.

A análise dos dados foi conduzida à luz da compreensão das experiências e práticas cotidianas do sujeito, permitindo a identificação de categorias temáticas emergentes a partir das falas e observações. A discussão foi embasada nos aportes teóricos de autores como Paulo Freire, Moacir Gadotti, entre outros já citados.

Aspectos éticos foram rigorosamente respeitados, assegurando o anonimato dos participantes e a utilização de seus relatos apenas para fins acadêmicos.

A escolha por uma linguagem acessível e por uma escuta sensível permitiu que os sujeitos se expressassem com liberdade, o que conferiu riqueza ao material analisado. Assim, a metodologia aqui adotada buscou não apenas levantar dados, mas dar voz a quem vive diariamente os desafios e as conquistas da EJA, revelando uma realidade que muitas vezes é invisibilizada dentro do sistema educacional.

3.2 Instrumentos e técnicas de produção e coleta de dados

A coleta de dados se deu em dois momentos principais: inicialmente ocorreu durante o período do estágio obrigatório 4 dias de visitas para observação do ambiente escolar com ênfase em sua estrutura física da escola e salas de aula, nas relações existentes (aluno-aluno, aluno-professor), nas metodologias utilizadas e no uso dos recursos existente, possíveis e palpáveis para melhor desenvolvimento das aulas.

As observações foram anotadas em “caderno de campo”: foi utilizado um bloco de notas para anotar todas as informações vistas e ouvidas, sentimentos e emoções que sentia e acontecimentos durante as visitas e permanência na escola. E o segundo momento se constituiu de mais 4 visitas técnicas posteriores para observação e aplicação

de questionários semiestruturados a professores e alunos com perguntas geradoras específicas, a fim de levantar dados objetivos sobre o perfil dos participantes com o objetivo de conhecer as especificidades dessa modalidade, tudo isso em dias concordados entre a coordenação e a professora regente. As respostas foram analisadas com base na discussão teórica e na técnica de análise dos dados já citados acima o qual apontam a importância de uma educação voltada para a autonomia, o respeito à experiência dos sujeitos e o combate à exclusão social.

3.3 Caracterização do local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola municipal Luiz Vaz de Camões, no período de 20/02/2025 a 10/12/2025. A escola localiza-se na rua Josefa Taveira, s.n. – mangabeira, João Pessoa – PB, 58056-000.

O funcionamento da escola se dá da seguinte forma: manhã (ensino fundamental anos iniciais e finais); tarde (ensino fundamental II); e noite (EJA). Em termos de estrutura, conta com 1 sala da direção; 1 secretaria; 1 sala de "equipe de especialistas" (assistente social, psicóloga e supervisora escolar); 1 sala de AEE; refeitório; 1 sala dos professores; 12 salas de aula (equipadas com ar-condicionado, quadro de vidro e armário para o professor); 1 biblioteca (recheada de livros); 1 sala Google; parquinho de areia; espaço coberto; e um ginásio (inaugurado em março de 2025 após reforma).

A escola tem 28 turmas no total, sendo 12 de fundamental I (manhã), 12 de fundamental II (tarde) e 4 de EJA (noite). Segundo a coordenadora da EJA e os dados do Educasim, o número de matriculados em 2025 na EJA é: Ciclo I – 29; Ciclo II – 17; Ciclo III – 37; Ciclo IV - 63. O corpo docente é composto por mais de 50 profissionais, além de cuidadores, inspetores, porteiros, agentes de limpeza e merendeira.

A estrutura física da escola é arejada, ampla e bem conservada. A decoração se limita aos kits montados pelos professores nas salas (alfabeto, calendário, etc.), sem a exposição de trabalhos dos alunos. O acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) ainda não foi obtido. No geral, a relação entre professores, alunos, funcionários e gestão é tranquila e respeitosa, e os professores participam de formação continuada da prefeitura.

3.4 Contextualização da sala pesquisada

A sala direcionada para realização do estágio obrigatório supervisionado e para realização da pesquisa foi o ciclo II, a mesma possuía 17 alunos matriculados, com presença efetiva de 86% da turma. A sala era composta por idosos/aos 60 anos ou mais.

A professora trabalha na área há cerca de 10 anos e está na escola Luiz Vaz por esse mesmo tempo, também era formada em Pedagogia pela UFPB. Ela dava aula na mesma escola de manhã, para uma turma de 4º ano e à noite para a turma da EJA.

A sala não possuía alunos com deficiência ou laudados, porém, a professora solicitou que a especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola fizesse um acompanhamento com uma aluna, pois a mesma não apresentava aprendizado significativo, podendo apresentar algum distúrbio de aprendizagem.

3.5 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 2 professoras, sendo elas, a professora titular do ciclo I, e a professora do ciclo II, que foram identificadas como Prof1 e Prof2, respectivamente. As professoras trouxeram suas perspectivas sobre a EJA e relatos sobre os desafios da prática pedagógica, como a defasagem de aprendizagem, o cansaço dos alunos após a jornada de trabalho e a dificuldade em manter o interesse e a frequência.

Participaram também 2 alunos de cada turma, Al1 e Al2 do ciclo I, e Al3 e Al4 do ciclo II. Muitos alunos podem demonstrar orgulho por estarem retornando aos estudos, mesmo com tantas dificuldades, por isso, a escolha dos alunos foi de forma aleatória, com interesse dos participantes, seres atuantes e participantes da EJA, para analisarmos suas diferentes trajetórias de vida e sua vontade/motivação na permanência na escola.

A análise dos dados se deu a partir das respostas das professoras e dos alunos, buscando entender, problematizar e explicar as respostas de forma clara e objetiva.

4. ANALISANDO E ENTENDENDO AS RESPOSTAS

4.1 A luz dos questionários: professoras

Inicialmente as professoras foram questionadas sobre o que é Educação de Jovens e Adultos para elas. Ambas entraram em concordância complementando a fala uma da outra, dizendo que era uma educação que vai além da escolarização, garantindo o direito e representando uma segunda chance aos alunos que não concluíram na idade certa prevista por lei, tudo isso num espaço de inclusão.

Arroyo (2017) destaca que a EJA precisa reconhecer os educandos como sujeitos de direitos, marcados por histórias de exclusão social. Nesse sentido, entende-se que as

falas revelam uma compreensão que vai além do conteúdo e aproxima-se mais de uma perspectiva freiriana, onde o processo educativo está relacionado à realidade e a história do sujeito.

Seguindo na mesma linha de pensamento, foi perguntado aos professores sobre qual o significado pessoal em fazer parte do corpo docente da EJA. A Prof1 disse que exige sensibilidade e compromisso social, que vai além de ensinar conteúdos, ela também incentiva e fortalece de alguma forma a autoestima dos alunos. A Prof2 concorda na temática da responsabilidade social e diz que o ensino precisa ser contextualizado, dialogado e respeitoso, fazendo com que o aluno recupere a confiança de si.

Entendemos que as falas das professoras são expressões construídas ao longo da sua trajetória e prática docente fundamentada no diálogo e na valorização do sujeito, concordando com Paulo Freire (1996) onde ele afirma que ensinar exige compromisso com a dignidade e autonomia dos educandos. Fazendo da EJA um local comprometido com a justiça social e com a inclusão.

Também foi desejado que as professoras citassem os benefícios que observaram no decorrer dos seus anos de docente. A Prof1 (há aproximadamente 5 anos) relatou que muitos alunos chegavam até ela para falar das suas conquistas profissionais e pessoais. Que a maior parte dos alunos saiam dali cheios de vontade de alcançar novos objetivos, como um emprego melhor, por exemplo. A Prof2 (cerca de 10 anos) falou que os alunos saiam com mais segurança e se sentiam mais preparados para o mercado de trabalho, e até mesmo para ajudar os filhos nas atividades que levavam para casa. Alguns ainda ingressaram na universidade, mesmo sendo já em idade avançada.

Di Pierro (2010) ressalta que a EJA contribui significativamente para a ampliação da cidadania e para o fortalecimento da participação social dos sujeitos. É importante destacar que tais transformações e metas alcançadas não são apenas resultados prontos, mas são frutos de um longo processo de ensino-aprendizagem.

Para concluir, sendo de fundamental importância para a realização do trabalho a última pergunta, as professoras foram questionadas sobre os desafios encontrados no dia a dia escolar. Em resumo, os desafios são o cansaço após a jornada de trabalho, a evasão escolar e manter a permanência dos alunos em sala por quaisquer que sejam os motivos (trabalho, família, etc.), a defasagem na aprendizagem, como falta de recursos e a adaptação de metodologias que abranjam os diferentes níveis de conhecimento dos alunos.

Esses aspectos revelam que a EJA está inserida em uma realidade marcada por desigualdades sociais e que o processo educativo dessa modalidade de ensino ocorre em

meio a múltiplas demandas, sendo necessários um olhar sensível em entender que não são limitações individuais, mas reflexos de uma condição estrutural que atravessa a vida dos estudantes e nos permite compreender a EJA como espaço permeado por fatores sociais, culturais, econômicos e institucionais.

4.2 A luz dos questionários: alunos

Podemos encontrar alguns aspectos em comum nas respostas dos estudantes participantes da pesquisa como por exemplo a busca por autonomia, a relação que eles fazem da rotina de trabalho e estudo, a questão da autoestima e o impacto que isso provoca na vida familiar particular.

Ao serem questionados sobre qual o significado em fazer parte dos estudantes da EJA, o A11 e o A13 utilizaram a palavra “oportunidade”, na intenção de dizer que estão recuperando a chance que não tiveram no passado. Os alunos A12 e A14 desejam aprender a ler e adquirir mais conhecimento, há o desejo do crescimento pessoal.

Nos é permitido compreender as falas dos estudantes como expectativas e projetos de vida sendo construídos no contexto escolar. Mesmo sendo de ciclos diferentes as respostas podem se cruzar nos dando um norte bem delimitado no quesito de que a EJA é realmente um espaço de retomada de direitos, sendo a escola não somente um lugar de deveres, mas também de valorização da vida de cada estudante (FREIRE, 1996), sendo ainda um importante meio de inclusão social possibilitando aos sujeitos uma participação ativa na sociedade (HADDAD, 2007).

Ao revelarem suas motivações para voltar a estudar, os estudantes do ciclo I A11 e A12, falaram sobre querer aprender a ler e escrever sozinho e sobre ser exemplo para os filhos em casa, ajudar nas atividades, etc., respectivamente. Os estudantes da EJA têm suas trajetórias de vida marcadas por exclusão social e que isso tem impacto direto na vida pessoal do ser, por isso, eles veem na escola um espaço de reconstrução de identidades e fortalecimento da cidadania.

Já os alunos do ciclo II falaram de prontidão sobre o mundo do trabalho. Porque querem melhores oportunidades de trabalho e porque desejam melhorar profissionalmente. Conforme destaca Di Pierro (2010), a escolarização de jovens e adultos está frequentemente associada à ampliação de oportunidades no mercado de trabalho e à melhoria da qualidade de vida.

Em um novo tópico foi questionado sobre os desafios que cada um enfrenta para continuar estudando e a resposta foi unânime: o cansaço após um dia de trabalho e

administração do tempo entre os afazeres domésticos e/ou profissionais. É bem verdade que o trabalho é necessário para o sustento, mas também a jornada de trabalho exaustiva, o deslocamento e a falta de flexibilidade no currículo dificultam a permanência, mas é justamente nesse ponto que gostaria de ressaltar o esforço e a persistência diante das condições de cada estudante. Essas dificuldades podem não ser interpretadas como limitações individuais, mas como reflexo das condições sociais que atravessam a vida dos sujeitos. Compreendendo a realidade dos estudantes da EJA como fator fundamental para desenvolver práticas pedagógicas mais sensíveis às suas necessidades.

Por fim, foi perguntado o que mudou na vida depois que voltou a estudar e nessa parte da entrevista se pôde ver o olhar de realização em cada estudante, foi possível ver o brilho e a alegria em cada fala. O A11 falou da alegria em conseguir ler e escrever algumas palavras. O A12 disse se sentir mais confiante aprendendo a escrever melhor. O A13 disse que além de se sentir mais confiante, tem ainda mais vontade de aprender. O A14 relatou sobre como a escola e o estudo mudaram a forma de pensar sobre o futuro. Essas falas evidenciam que o processo educativo contribui para o fortalecimento da confiança e autonomia dos sujeitos.

Freire (1996) ressalta que a educação tem potencial transformador ao possibilitar que os indivíduos compreendam melhor sua realidade e se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias. Nesse sentido, a EJA se configura como espaço de construção de novos projetos de vida.

A etnopesquisa permite compreender essas transformações como processos vivenciados no cotidiano escolar, nos quais os sujeitos ressignificam suas trajetórias e ampliam suas perspectivas de participação social.

4.3 Compreensão analítica da pesquisa

A análise dos questionários permitiu um olhar mais próximo sobre a realidade vivida pelos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, evidenciando aspectos que vão além dos dados apresentados de forma objetiva. Mais do que confirmar a importância da EJA, as respostas revelam um contexto marcado por desafios constantes, mas também por significados profundos atribuídos à experiência de voltar à escola.

Observa-se que, tanto nas falas dos professores quanto nas dos estudantes, há uma relação entre educação e transformação de vida. No entanto, essa transformação não ocorre de forma simples ou imediata, pois está atravessada por dificuldades concretas, como o cansaço, o tempo reduzido para os estudos e as responsabilidades

fora do ambiente escolar. Isso mostra que a permanência na EJA exige esforço contínuo e, muitas vezes, resistência por parte dos estudantes.

Ao mesmo tempo, chama atenção o fato de que, mesmo diante dessas dificuldades, os sujeitos atribuem um valor significativo à escola, enxergando nela uma possibilidade real de mudança. Esse aspecto reforça a necessidade de compreender a EJA a partir da realidade dos seus participantes, considerando suas vivências, seus limites e suas expectativas.

Dessa forma, a análise dos questionários leva à compreensão de que não é possível pensar a EJA de maneira homogênea ou distante do contexto social dos educandos. Ao contrário, torna-se fundamental reconhecer que cada trajetória carrega marcas próprias, que influenciam diretamente no processo de aprendizagem. Assim, mais do que identificar desafios, a pesquisa evidencia a importância de um olhar mais atento, sensível e comprometido com a realidade desses sujeitos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vai muito além de uma de ensino, sendo na verdade, um espaço de recomeço para os seus sujeitos que, por seus diferentes motivos, não tiveram acesso à educação na idade adequada. Além de um momento de interação entre os estudantes, que por muitas vezes não tem com quem conversar e se socializar. É um momento de troca e escuta. A partir das falas dos alunos e professores, percebe-se que a EJA carrega um significado muito forte, marcado por esforço, persistência e vontade de mudar de vida.

Os resultados mostraram que, ao mesmo tempo em que a EJA contribui para o aumento da autoestima, da autonomia e da confiança dos estudantes, também enfrenta desafios importantes no dia a dia escolar. O cansaço após a jornada de trabalho, a evasão, a dificuldade de aprendizagem e a necessidade de adaptar as práticas pedagógicas à realidade dos alunos, são questões presentes e que precisam ser olhadas com mais atenção. Desta forma, não se trata de limitações individuais, mas de uma realidade social que atravessa a vida desses sujeitos.

Diante disso, torna-se necessário pensar em uma educação mais sensível, que escute o aluno, valorize sua história e dialogue com sua realidade. Como já discutido ao longo do trabalho, não basta apenas oferecer o acesso, é preciso garantir a permanência e o aprendizado de forma significativa. Isso envolve tanto o fortalecimento das políticas públicas quanto o compromisso dos profissionais da educação com uma prática mais

humana, contextualizada e inclusiva.

Fica evidente, a partir de tudo que foi discutido, que a EJA ainda enfrenta alguns desafios, mas também carrega um potencial transformador muito grande. Olhar para essa modalidade com mais atenção, respeito e compromisso é um passo essencial para que ela deixe de ser vista como algo secundário e passe a ocupar o lugar que realmente merece dentro da educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFABETIZAÇÃO EJA. Cruzada de Ação Básica Cristã (Cruzada ABC). Repositório Institucional da UFPB. Disponível em: repositorio.ufpb.br.

ARROYO, M. **A escola possível é possível**. In. Da escola carente à escola possível. São Paulo: Loyola, 1991.

ARROYO, Miguel G. **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Vozes, 2000.

BARREYRO, G. B. O. **Programa Alfabetização Solidária: terceirização no contexto da Reforma do Estado**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 38, p. 175-191, set./dez. 2010. Editora UFPR.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF: CNE, [2000]. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em: 03 dez. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2022: educação: resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **ProJovem**. Brasília, DF: MEC, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/projovem>. Acesso em: 24 nov. 2025.

CENSO ESCOLAR 2023. **Resumo Técnico**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Brasília, 2023.

COSTA, Deane Monteiro Vieira; ARAUJO, Gilda Cardoso de. **A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e a atuação de Lourenço Filho (1947–1950): a arte da guerra**. Vitória: UFES, 2002.

DI PIERRO, Maria Clara. **Educação de jovens e adultos: desafios contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 1960**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FÁVERO, Osmar. **Educação de Jovens e Adultos: uma proposta metodológica**. Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. Cortez, 2011.

HADDAD, Sérgio. **Educação de jovens e adultos no Brasil: avanços e desafios**. São Paulo: Autêntica, 2007.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, p. 108–123, 2000.

MACEDO, RS. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação [online]**. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2004. ISBN 978-85-2320-935-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 2003.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 7. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A política de educação de adultos: a campanha de 1947**. In: Educação de adultos: o campo político-pedagógico da EJA. São Paulo: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE

ENTREVISTA ALUNOS

- 1) O QUE SIGNIFICA, PARA VOCÊ, ESTUDAR NA EJA?
- 2) POR QUE VOCE DECIDIU VOLTAR A ESTUDAR?
- 3) QUAIS DIFICULDADES VOCÊ ENCONTRA PARA CONTINUAR ESTUDANDO?
- 4) O QUE MUDOU NA SUA VIDA, DEPOIS QUE VOCÊ VOLTOU A ESTUDAR?

ENTREVISTA PROFESSORES

- 1) PARA VOCÊ, O QUE É A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?
- 2) HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ NA EJA?
- 3) QUAL O SIGNIFICADO EM FAZER PARTE DO CORPUS DOCENTE DA EJA?
- 4) QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE VOCÊ OBSERVA?
- 5) NO DIA A DIA DA ESCOLA, QUAIS OS DESAFIOS ENCONTRADOS?

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista